As externalidades da expansão da OTAN para o conflito russo-ucraniano (1989-2022): uma análise sob a lente do Estado do Conhecimento

The externalities of NATO expansion on the Russo-Ukrainian conflict (1989-2022): an analysis through the lens of the State of Knowledge

Las externalidades de la expansión de la OTAN en el conflicto ruso-ucraniano (1989-2022): un análisis desde la perspectiva del Estado del Conocimiento

Les externalités de l'expansion de l'OTAN sur le conflit russo-ukrainien (1989-2022) : une analyse à travers le prisme de l'État des Connaissances

Data da submissão: 30 de setembro de 2026 **Data da aprovação:** 28 de outubro de 2026

*Marcos Alexander Valle de Moura**
*Cintiene Sandes Monfredo Mendes***

Resumo

Este artigo examina como as obras de um corpus delimitado da produção acadêmica interpretam as externalidades político-estratégicas da expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte e sua relação com o conflito russo-ucraniano. O recorte histórico compreende a reorganização europeia iniciada em 1989 e os antecedentes da invasão russa de 24 de fevereiro de 2022. Adota-se o Estado do Conhecimento para organizar 29 obras, publicadas entre 2006 e 2025, reunidas por levantamento bibliográfico. A síntese compara interpretações geopolíticas, identitárias, institucionais e jurídico-normativas, com apoio em uma cronologia da expansão. Os resultados identificam a expansão como componente relevante das interpretações sobre a deterioração da segurança europeia, mas mostram divergências sobre seu peso relativo, a capacidade de decisão dos países do Leste europeu e os objetivos russos. A leitura distingue

*Mestre em Segurança, Desenvolvimento e Defesa pela Escola Superior de Defesa (2026) e em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval (2012). Ex-Adido de Defesa na Rússia (2021-2023) e ex-Assessor Militar do Ministério da Defesa.

** Doutora em História Comparada pela UFRJ. Professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Segurança, Desenvolvimento e Defesa da Escola Superior de Defesa.

adesão, parceria e expectativa de ingresso, além de separar antecedentes do conflito e efeitos posteriores da guerra. Conclui-se que a expansão constitui uma explicação relevante para o agravamento das percepções russas de ameaça, mas o corpus não permite estabelecer que ela tenha sido condição necessária ou suficiente para a invasão. As limitações das expressões de busca e dos registros de seleção impedem generalizar os resultados para toda a literatura. A contribuição consiste em explicitar divergências, limites de inferência e proposições para o aprofundamento da pesquisa.

Palavras-chave: expansão da OTAN; conflito russo-ucraniano; estado do conhecimento; segurança internacional; geopolítica.

Abstract

This article examines how the works comprising a delimited corpus of academic literature interpret the political-strategic externalities of the enlargement of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) and their relationship with the Russo-Ukrainian conflict. The historical scope encompasses the reorganization of Europe beginning in 1989 and the events leading up to the Russian invasion of February 24, 2022. The study adopts the State of Knowledge approach to organize 29 works published between 2006 and 2025, identified through a bibliographic survey. The synthesis compares geopolitical, identity-related, institutional, and legal-normative interpretations, supported by a chronology of NATO enlargement. The findings identify NATO enlargement as a relevant component of explanations for the deterioration of European security, while revealing disagreements regarding its relative significance, the decision-making autonomy of Eastern European countries, and Russian objectives. The analysis distinguishes between membership, partnership, and prospects of accession, while also differentiating the antecedents of the conflict from the subsequent effects of the war. The article concludes that NATO enlargement provides a relevant explanation for the intensification of Russian threat perceptions; however, the corpus does not allow for establishing that enlargement was either a necessary or a sufficient condition for the invasion. Limitations in the search terms and selection records prevent the findings from being generalized to the entire body of academic literature. The study contributes by highlighting scholarly disagreements, limitations of inference, and propositions for further research.

Keywords: NATO enlargement; Russo-Ukrainian conflict; state of knowledge; international security; geopolitics.

Resumen

Este artículo examina cómo las obras de un corpus delimitado de la producción académica interpretan las externalidades político-estratégicas de la ampliación de la Organización del Tratado del Atlántico Norte y su relación con el conflicto ruso-ucraniano. El marco temporal abarca la reorganización europea iniciada en 1989 y los antecedentes de la invasión rusa del 24 de febrero de 2022. Se adopta el enfoque del estado del conocimiento para sistematizar 29 obras, publicadas entre 2006 y 2025, recopiladas mediante una búsqueda bibliográfica. La síntesis compara interpretaciones geopolíticas, identitarias, institucionales y jurídico-

normativas, apoyándose en una cronología de la ampliación. Los resultados identifican la ampliación como un componente relevante de las interpretaciones sobre el deterioro de la seguridad europea, pero revelan divergencias en cuanto a su peso relativo, la capacidad de decisión de los países de Europa del Este y los objetivos rusos. El análisis distingue entre adhesión, asociación y expectativa de ingreso, y diferencia los antecedentes del conflicto de los efectos posteriores de la guerra. Se concluye que la ampliación constituye una explicación relevante de la intensificación de las percepciones rusas de amenaza, aunque el corpus no permite establecer que haya sido una condición necesaria o suficiente para la invasión. Las limitaciones de las expresiones de búsqueda y de los registros del proceso de selección impiden generalizar los resultados al conjunto de la literatura. La contribución consiste en explicitar las divergencias, los límites de inferencia y las propuestas para profundizar en la investigación.

Palabras clave: ampliación de la OTAN; conflicto ruso-ucraniano; estado del conocimiento; seguridad internacional; geopolítica.

Résumé

Cet article examine la manière dont les travaux d'un corpus délimité de la production universitaire interprètent les externalités politico-stratégiques de l'élargissement de l'Organisation du traité de l'Atlantique Nord et leur relation avec le conflit russo-ukrainien. Le cadre chronologique couvre la réorganisation européenne amorcée en 1989 et les antécédents de l'invasion russe du 24 février 2022. Une démarche d'état des connaissances est adoptée pour organiser et synthétiser 29 travaux, publiés entre 2006 et 2025 et réunis au moyen d'une recherche bibliographique. La synthèse compare les interprétations géopolitiques, identitaires, institutionnelles et juridico-normatives en s'appuyant sur une chronologie de l'élargissement. Les résultats font ressortir l'élargissement comme une composante importante des interprétations de la dégradation de la sécurité européenne, tout en révélant des divergences quant à son poids relatif, à la capacité de décision des pays d'Europe de l'Est et aux objectifs russes. L'analyse distingue l'adhésion, le partenariat et la perspective d'adhésion, ainsi que les antécédents du conflit et les effets ultérieurs de la guerre. Elle conclut que l'élargissement constitue un facteur explicatif pertinent de l'accentuation des perceptions russes de menace, sans que le corpus permette d'établir qu'il ait été une condition nécessaire ou suffisante de l'invasion. Les limites des expressions de recherche et de la documentation du processus de sélection empêchent de généraliser les résultats à l'ensemble de la littérature. La contribution consiste à expliciter les divergences, les limites de l'inférence et les pistes d'approfondissement de la recherche.

Mots-clés: élargissement de l'OTAN ; conflit russo-ukrainien ; état des connaissances ; sécurité internationale ; géopolitique.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a deterioração da segurança europeia constitui uma controvérsia relevante nas Relações Internacionais há décadas. O debate reúne interpretações sobre distribuição de poder, escolhas de alinhamento, transformação institucional, identidades nacionais e uso da força. A crise na Ucrânia desde 2014 e a invasão russa de 24 de fevereiro de 2022 intensificaram essa controvérsia. Compreendê-la exige distinguir acontecimentos, percepções dos atores e explicações produzidas pela literatura.

Parte das interpretações atribui ao alargamento da OTAN um papel central na redução da influência russa e na formação de percepções de ameaça em Moscou. Outras destacam as escolhas dos países da Europa Central e Oriental, seus receios históricos e suas expectativas de proteção. Há também análises centradas na identidade, nas decisões da liderança russa e na busca de reconhecimento internacional. Esses fatores podem interagir, mas sua combinação não demonstra uma sequência inevitável de acontecimentos até a guerra.

Diante desse quadro, a pergunta proposta pelo artigo é: como a produção acadêmica inventariada interpreta as externalidades político-estratégicas da expansão da OTAN na escalada do conflito russo-ucraniano entre 1989 e 2022, e em quais mecanismos e explicações concorrentes essas interpretações se apoiam? O foco é comparar argumentos, identificar seus limites e formular proposições a partir de um inventário delimitado. Não se pretende estimar o efeito causal líquido de cada variável ou representar exaustivamente a literatura mundial.

Neste texto, externalidades designam efeitos atribuídos à política de alargamento sobre atores externos à Aliança euro-atlântica e sobre suas relações: alterações de percepções de ameaça, reorientações estratégicas e erosão da confiança. Trata-se de uma definição operacional político-estratégica, não de aplicação estrita da teoria econômica das externalidades. Portanto, a interpretação russa de cerco, o objetivo declarado da OTAN de ampliar a estabilidade europeia e o resultado observado nas relações entre os atores são questões distintas.

A premissa orientadora é que o alargamento da OTAN contribuiu para agravar percepções russas de ameaça e disputas sobre a arquitetura regional. Essa premissa é examinada à luz de outros fatores: decisões dos países que solicitaram ingresso, persistência institucional da Aliança, tensões identitárias e objetivos próprios da política externa russa. Entretanto, a orientação geopolítica delimita o problema, mas não constitui critério legítimo de seleção por concordância.

O recorte histórico proposto começa em 1989, marco da desagregação da ordem bipolar na Europa, e abrange a posterior dissolução da União Soviética, ocorrida em 1991. O limite principal é 24 de fevereiro de 2022, início da invasão russa. Nesse sentido, obras publicadas posteriormente podem analisar retrospectivamente esse período; contudo, seus dados sobre efeitos posteriores não são utilizados como causas antecedentes.

O estudo tem escopo político-estratégico e não pretende mensurar gastos militares, produção industrial de defesa, deslocamentos populacionais ou alterações emográficas. A segurança energética e os efeitos sociais são examinados para distinguir consequências da expansão euro-atlântica e da guerra. Essa delimitação preserva a pergunta central e define quais efeitos podem ser discutidos com base no *corpus* de análise.

A contribuição do Estado do Conhecimento consiste em organizar a produção selecionada e comparar suas interpretações sobre o problema. O percurso compreende a Bibliografia Anotada, correspondente ao registro inicial das obras; a Bibliografia Sistematizada, que delimita e organiza o *corpus* de análise; a Bibliografia Categorizada, que reúne os trabalhos em eixos de análise; e a Bibliografia Propositiva, que apresenta as contribuições e questões resultantes da comparação (Morosini; Nascimento; Nez, 2021). Essas etapas orientam a metodologia da Seção 2, a análise temática da Seção 4 e a síntese da Seção 5. A Seção 3 oferece a contextualização histórica necessária à leitura das interpretações acadêmicas.

2 MÉTODO E DELIMITAÇÃO DO INVENTÁRIO

2.1 ADEQUAÇÃO DO ESTADO DO CONHECIMENTO

O Estado do Conhecimento permite identificar, registrar, organizar e discutir uma parcela da produção acadêmica relativa a determinado problema (Morosini; Fernandes, 2014; Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021). Sua aplicação justifica-se porque a unidade de análise é a interpretação acadêmica das relações entre expansão, ameaça e conflito. Entretanto, esse desenho não substitui uma investigação histórica independente nem o teste de mecanismos causais com novas evidências primárias.

Durante a escolha de fontes de produção científica, as etapas de bibliografia anotada, sistematizada, categorizada e propositiva orientam a organização do material. Na primeira, registram-se identificação e argumento; na segunda, comparam-se objeto, período e procedimento; na terceira, agrupam-se os mecanismos; na quarta, confrontam-se

convergências, divergências e lacunas (Morosini; Nascimento; Nez, 2021). O ganho metodológico depende da rastreabilidade dessas operações, não apenas da enumeração de seus nomes (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021).

Cabe ressaltar que a escolha dos descritores "causas do conflito russo-ucraniano" e "expansão da OTAN" deriva da pergunta de pesquisa e orienta a organização inicial do levantamento. Assim sendo, para construir a Bibliografia Categorizada, a análise se estrutura em cinco categorias: identidades e decisões dos países da região; geopolítica e percepções de ameaça; instituições e legitimidade; soberania, normas e justificação; e consequências da guerra. Esses eixos orientam a classificação das obras no Quadro 1 e a exposição posterior da Seção 4. A distinção entre antecedentes do conflito e consequências da guerra constitui um critério transversal de análise. Por isso, cada trabalho é identificado pelo eixo ao qual oferece sua principal contribuição nesta pesquisa, sem impedir sua utilização em outras partes da comparação.

2.2 CONSTRUÇÃO DOCUMENTAL DO LEVANTAMENTO

O levantamento da Bibliografia Anotada foi realizado entre 1º de abril e 12 de maio de 2025, utilizando três fontes de dados: Google Acadêmico, Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). As buscas foram conduzidas com as expressões exatas, em português, "Conflito Rússia-Ucrânia" e "Expansão da OTAN". Na seleção do material, foram excluídos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de graduação, noticiário dos veículos de comunicação e trabalhos acadêmicos provenientes de fontes não reconhecidas. A aplicação desses critérios orientou a constituição do *corpus* de análise, conforme os registros quantitativos apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Bibliografia Anotada (continua)

DESCRITOR E SERVIÇO	RESULTADOS BRUTOS REGISTRADOS	TÍTULOS SELECIONADOS
Conflito Rússia-Ucrânia / Google Acadêmico	271	4
Conflito Rússia-Ucrânia / Capes	12	1
Conflito Rússia-Ucrânia / BDTD	6	1
Total Conflito Rússia-Ucrânia	**289**	**6**
Expansão da OTAN / Google Acadêmico	748	7

DESCRITOR E SERVIÇO	RESULTADOS BRUTOS REGISTRADOS	TÍTULOS SELECIONADOS
Expansão da OTAN / Capes	10	6
Expansão da OTAN / BDTD	12	5
Total Expansão da OTAN	**770**	**18**
Total geral	1.059	24

Fonte: Elaborada pelo autor.

O descritor "Conflito Rússia-Ucrânia" apresentou 289 resultados brutos registrados, dos quais foram selecionados seis títulos; a expressão "Expansão da OTAN" apresentou 770 resultados, com a seleção de 18 títulos. As listas nominais dos trabalhos selecionados permitem identificar um *corpus* de análise de 24 obras distintas, publicadas entre 2006 e 2025. O total de 1.059 corresponde à soma dos resultados brutos registrados nas diferentes fontes e expressões de busca, podendo incluir sobreposições.

2.3 SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOGRAFIA SISTEMATIZADA

Na etapa da Bibliografia Sistematizada, foram considerados elegíveis livros, teses, dissertações e artigos publicados em periódicos e eventos acadêmicos. A seleção considerou a pertinência das obras ao problema de pesquisa, e não sua concordância com a premissa sobre a expansão da OTAN. O Quadro 1 apresenta as 29 obras do *corpus*: 24 selecionadas no levantamento original e cinco incorporadas na revisão posterior.

Quadro 1 – Bibliografia Sistematizada (continua)

	AUTORIA E ANO	TÍTULO	CATEGORIA
1	Felipe Nicolau Pimentel Alamino (2021)	Anexação da Crimeia: autodeterminação dos povos, agressão e secessão no Direito Internacional.	Soberania, normas e justificação
2	Vicente Giaccaglini Ferraro Junior (2022)	A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana.	Identidades e decisões dos países da região
3	Cristiane Lebelem; Rafael Duarte Villa (2022)	A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional.	Consequências da guerra
4	Marcus Vinicius Castro Faria; Vinicius de Luna Chagas Costa (2022)	O que podemos aprender sobre geopolítica com a invasão da Rússia na Ucrânia.	Consequências da guerra

	AUTORIA E ANO	TÍTULO	CATEGORIA
5	Emerson Luis de Araújo Pângaro; Leandro Leite de Almeida; Felipe Pereira Barbosa (2023)	Uma análise da resposta do ocidente à invasão russa da Ucrânia sob o prisma da trindade da guerra de Clausewitz.	Consequências da guerra
6	Tatiana de Souza Leite Garcia; Danúbia Caroline Barbosa de Mesquita; Victor Madeira de Souza (2025)	O conflito Rússia-Ucrânia e a (in)segurança energética na Alemanha.	Consequências da guerra
7	Denis Matoszko Fortes (2017)	A Federação Russa e a crise ucraniana de 2013-2014: entre o jogo das potências e as disputas históricas no "exterior próximo".	Identidades e decisões dos países da região
8	Danilo Rogerio de Sousa (2019)	A contenção da Rússia: geopolítica, estaticídio e astropolítica.	Geopolítica e percepções de ameaça
9	Boris Perius Zabolotsky (2019)	As faces do "outro": a representação da diferença russa nos discursos da OTAN no pós-Guerra Fria.	Instituições e legitimidade
10	Luiza Nunes Corrêa (2021)	A Rússia frente às pressões ocidentais no século XXI: os casos da Geórgia, da Ucrânia e da Síria.	Geopolítica e percepções de ameaça
11	Larissa Caroline Souza da Silva (2022)	A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da Federação Russa no espaço pós-soviético.	Soberania, normas e justificação
12	Fabiano Mielniczuk (2006)	Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS.	Identidades e decisões dos países da região
13	Fred Leite Siqueira Campos; Iuri Endo Lobo; Beatriz Marcondes de Azevedo (2018)	O ocidente como responsável pelas crises da Ucrânia e da Geórgia.	Geopolítica e percepções de ameaça
14	Italo Barreto Poty (2019)	A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica (1991-2010).	Identidades e decisões dos países da região
15	Caio Bugiato (2023)	A Guerra na Ucrânia sob a ótica das Teorias de Relações Internacionais: discussão sobre causas e caráter da guerra.	Soberania, normas e justificação
16	Antonio Marcos Roseira (2023)	O mundo tripolar - geopolítica russa no século XXI e a nova ordem internacional.	Geopolítica e percepções de ameaça
17	Angelo Segrillo (2024)	A expansão da Otan e a Rússia: desvelando uma "unlove story" do pós-Guerra Fria à luz de fontes primárias.	Geopolítica e percepções de ameaça
18	Juliana Bertazzo (2010)	Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU.	Instituições e legitimidade
19	Luana Margarete Geiger (2014)	Integração Euro-Atlântica: a Política Externa Norte-americana para o Leste Europeu no Pós-Guerra Fria.	Identidades e decisões dos países da região
20	Diego Pautasso (2014)	Da política de contenção à reemergência: a Rússia volta ao tabuleiro.	Geopolítica e percepções de ameaça
21	Alexander Zhebit (2019)	Sobre a história da política externa da Rússia: o "paradigma" de Primakov.	Geopolítica e percepções de ameaça

	AUTORIA E ANO	TÍTULO	CATEGORIA
22	Edu Silvestre de Albuquerque (2022)	Cinco interesses ocultados por Moscou (e pela crítica Ocidental) na Guerra da Ucrânia.	Geopolítica e percepções de ameaça
23	Fabiano Mielniczuk (2022)	Rússia e Ucrânia: por uma alternativa à guerra que "não pode ser vencida".	Consequências da guerra
24	Felipe Loureiro (2022)	A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas.	Consequências da guerra
25	Fernanda Patrícia Silva Albuquerque (2025)	A política externa russa no século XXI (2000-2024): um estudo de caso do conflito russo-ucraniano.	Geopolítica e percepções de ameaça
26	Diogo Calazans Corrêa (2021)	Defesa (supra)nacional: uma análise comparada das políticas de defesa da União Europeia (UE) e da Rússia.	Instituições e legitimidade
27	Luis Francisco Calegari Cassarotti (2021)	Neorrevisionismo e manutenção da sociedade internacional: o papel da Rússia como grande potência na dinâmica de segurança contemporânea.	Instituições e legitimidade
28	Adriano França Fernandes (2025)	A nova diplomacia triangular e suas implicações para a Guerra na Ucrânia.	Geopolítica e percepções de ameaça
29	Alex da Motta Faria (2023)	Análise de medidas emergenciais e estruturais em resposta à crise energética decorrente do conflito da Rússia na Ucrânia e de elementos catalisadores para aceleração da transição energética europeia.	Consequências da guerra

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para construir a Bibliografia Categorizada e comparar as obras, distinguem-se cinco questões: qual explicação a obra propõe; quais evidências apresenta; que papel atribui à expansão euro-atlântica; quais explicações alternativas considera; e até onde seus argumentos permitem inferir causalidade. Além disso, segurança do Estado, reconhecimento internacional e sobrevivência do regime político são registrados como dimensões diferentes. Dessa forma, uma narrativa oficial sobre ameaça não é tratada automaticamente como demonstração da ameaça ou de seus efeitos.

O levantamento constitui um *corpus* de análise delimitado pelas fontes consultadas, pelos descritores de busca em português e pelos critérios de seleção adotados, sem pretensão de esgotar a literatura sobre o tema. A incorporação dos trabalhos indicados na revisão posterior ao levantamento amplia a diversidade do material considerado, mas não elimina os limites de cobertura das buscas originais. Essas condições são consideradas na interpretação dos resultados, evitando-se generalizar a distribuição dos argumentos encontrados para o conjunto da produção acadêmica.

3 A EXPANSÃO NO CONTEXTO DA ARQUITETURA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Esta seção apresenta os marcos históricos utilizados para contextualizar a comparação da literatura. A cronologia não constitui uma etapa adicional do Estado do Conhecimento; oferece referências para distinguir os acontecimentos examinados, os períodos abordados pelas obras e as interpretações discutidas na Bibliografia Categorizada.

A expansão da OTAN ocorreu em diferentes etapas após o fim da Guerra Fria. A reunificação alemã, em 1990, estendeu a participação da Alemanha na Aliança ao território da antiga Alemanha Oriental. Nos anos seguintes, outros países do Leste Europeu ingressaram na organização, enquanto a Ucrânia permaneceu fora dela, apesar das discussões sobre sua possível adesão. Esses acontecimentos tiveram características e consequências distintas. Por isso, é necessário examiná-los em sua sequência histórica, considerando as condições e as decisões de cada momento, sem pressupor que todos conduzissem inevitavelmente à crise de 2014 ou à invasão russa de 2022.

Nesse período, a Aliança euro-atlântica e a Rússia também buscaram estabelecer formas de cooperação. Um exemplo foi a assinatura do Ato Fundador de 1997, que definiu compromissos de diálogo e colaboração entre as partes. Portanto, a ampliação da OTAN foi acompanhada por tentativas de entendimento com Moscou. Para compreender o agravamento posterior das tensões, é necessário considerar tanto essas iniciativas quanto os acontecimentos que enfraqueceram essa relação (OTAN; Federação Russa, 1997).

O Quadro 2 a seguir apresenta, em ordem cronológica, as etapas de ampliação da OTAN e outros acontecimentos importantes nas relações com a Rússia, entre 1990 e 2022. A primeira coluna informa o período; a segunda identifica o evento, distinguindo a entrada de novos membros, os acordos de cooperação e os episódios de crise; e a terceira descreve a interação com a Rússia, indicando os posicionamentos documentados de Moscou.

Quadro 2 – Alargamento e contexto das relações Ocidente-Rússia

PERÍODO	EVENTO	INTERAÇÃO COM A RÚSSIA
03OUT1990	Reunificação alemã	Resultado de negociação da reunificação; o debate sobre garantias deve distinguir seu alcance territorial e jurídico.”
27MAI1997	Ato Fundador OTAN-Rússia.	Criação de mecanismos de consulta e cooperação evidencia a tentativa de acomodação.
12MAR1999	Adesão de Polônia, Hungria e República Tcheca.	Negociação prévia com Yeltsin e oposição russa ao alargamento.

PERÍODO	EVENTO	INTERAÇÃO COM A RÚSSIA
29MAR2004	Adesão de Bulgária, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia e Romênia.	Entrada de três ex-repúblicas soviéticas. O discurso de Munique de 2007 registra crítica russa posterior.
03ABR2008	Bucareste anuncia futura adesão de Ucrânia e Geórgia.	Expectativa política distinta da condição de membro, pois tal promessa não equivale a adesão nem prova causal autossuficiente.
01ABR2009	Adesão de Albânia e Croácia.	Alargamento balcânico. O material examinado não individualiza uma reação russa causada por essas duas adesões.
2014	Anexação da Crimeia e fase armada no leste da Ucrânia.	Suspensão da cooperação prática OTAN-Rússia no contexto da crise.
05JUN2017	Adesão de Montenegro.	Não há reação russa individualizada e documentada neste inventário.
27MAR2020	Adesão da Macedônia do Norte.	Não há reação russa individualizada e documentada neste inventário.
24FEV2022	Invasão russa na Ucrânia.	O pronunciamento russo apresenta justificativas.

Fonte: Elaborado pelo autor

Após as ampliações da Aliança de 1999 e 2004, a declaração da Cúpula de Bucareste, em 2008, anunciou que Ucrânia e Geórgia se tornariam membros da OTAN, sem estabelecer uma data para o ingresso desses países (OTAN, 2008). O anúncio estabeleceu uma perspectiva de adesão futura, mas não tornou os dois países membros da Aliança. Essa diferença é importante para compreender as tensões com a Rússia: a perspectiva de novas adesões passou a integrar a disputa sobre a segurança europeia, embora os dois países permanecessem fora da organização. No caso ucraniano, essa situação persistia quando a Rússia iniciou a invasão em 24 de fevereiro de 2022: havia uma perspectiva de ingresso, mas a Ucrânia não contava com as garantias de defesa coletiva asseguradas aos membros da OTAN (OTAN, 2024; Segrillo, 2024).

A entrada de Estônia, Letônia e Lituânia na OTAN, em 2004, ampliou a presença da Aliança junto às fronteiras russas. Nesse contexto, Putin criticou a expansão da organização e a concentração ocidental de poder internacional em seu discurso na Conferência de Segurança de Munique, em 2007. O pronunciamento tornou públicas as preocupações do governo russo com a segurança europeia e sua oposição a uma ordem internacional dominada por uma única potência (Putin, 2007).

4 BIBLIOGRAFIA CATEGORIZADA E ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES

A Bibliografia Categorizada organiza a análise das 29 obras nas cinco categorias apresentadas na metodologia. Cada subseção compara as contribuições dos trabalhos nela mobilizados, identificando aproximações, diferenças e limites de interpretação. A classificação permite passar da apresentação individual das obras à discussão das relações entre seus argumentos.

4.1 IDENTIDADES E DECISÕES DOS PAÍSES DA REGIÃO

As relações entre Rússia, Ucrânia e os demais países do Leste Europeu não podem ser compreendidas apenas como uma disputa entre Moscou e Washington. Também envolvem a história desses países, suas identidades nacionais e suas decisões sobre segurança e parcerias internacionais. As obras reunidas neste eixo ajudam a explicar como esses elementos influenciaram a aproximação com as instituições ocidentais e as tensões com a Rússia.

Mielniczuk (2006) examina como as relações entre Rússia e Ucrânia após o fim da União Soviética contribuíram para que os dois países passassem a perceber um ao outro como inimigos. Nessa interpretação, a desconfiança não decorre simplesmente de diferenças culturais: ela se desenvolve nas disputas sobre soberania e segurança. O autor também mostra que a aproximação ucraniana com a OTAN assume significados diferentes para os dois países. Enquanto Kiev procura proteção diante de uma Rússia percebida como ameaçadora, Moscou interpreta essa aproximação como um risco aos seus interesses. Assim, uma mesma iniciativa pode ser entendida como proteção por um lado e como ameaça pelo outro.

Poty (2019) sustenta que as oscilações de alinhamento político da Ucrânia entre a Rússia e o Ocidente antecedem a crise de 2014 e devem ser compreendidas no processo histórico de formação do Estado ucraniano após a independência, sob forte influência de disputas geopolíticas globais.

Fortes (2017) argumenta que a crise de 2013-2014 na Ucrânia resulta da soma de divisões internas (políticas, étnicas e territoriais) com pressões internacionais, como a expansão da OTAN e o legado pós-soviético. Alinhado a Poty (2019), o autor defende que o conflito não se restringe a eventos imediatos, exigindo uma análise que conecte as tensões locais aos seus antecedentes históricos e à geopolítica global.

Geiger (2014) demonstra que a expansão da OTAN e da União Europeia (EU) no Leste Europeu não foi apenas uma imposição dos Estados Unidos, mas sim o resultado de uma

convergência de interesses com os próprios governos locais, que buscaram ativamente a aproximação ocidental e agiram como atores com autonomia e decisões próprias.

Ferraro (2022) argumenta que a guerra transforma identidades e que a proximidade cultural e linguística com a Rússia não garante apoio político a Moscou; pelo contrário, a violência do conflito pode enfraquecer esses laços e fortalecer a identidade ucraniana. O autor complementa Mielniczuk (2006), que estuda a desconfiança pós-soviética entre os Estados, ao demonstrar como a própria guerra aprofunda os distanciamentos sociais e altera os sentimentos de pertencimento.

Em conjunto, os cinco trabalhos mostram a importância de relacionar história, identidades e decisões políticas, embora enfatizem aspectos diferentes. Mielniczuk (2006) destaca a construção da desconfiança; Poty (2019), a trajetória geopolítica da Ucrânia independente; Fortes (2017), a relação entre disputas internas e internacionais; Geiger (2014), a aproximação dos países do Leste com as instituições ocidentais; e Ferraro (2022), as transformações provocadas pela guerra. A comparação indica que os vínculos históricos não determinam, por si só, o alinhamento dos países. Além disso, suas escolhas também dependem das experiências de conflito, das percepções de segurança e dos interesses políticos de cada momento.

4.2 GEOPOLÍTICA E PERCEPÇÕES RUSSAS DE AMEAÇA

Os trabalhos reunidos neste eixo examinam como a expansão da OTAN, as pressões ocidentais e a disputa por influência se relacionam com a política externa russa. Quanto ao tema, os autores oferecem explicações diferentes: alguns enfatizam a contenção da Rússia; outros destacam sua recuperação como potência, suas estratégias diplomáticas ou seus próprios interesses territoriais e econômicos. Essa comparação permite discutir tanto as ameaças percebidas por Moscou quanto seus objetivos.

Campos, Lobo e Azevedo (2018) utilizam o realismo ofensivo e a tese de John Mearsheimer para argumentar que as crises na Geórgia (2008) e na Ucrânia (2014) estão relacionadas às ações do Ocidente. Os autores sustentam que a aproximação ocidental com o entorno estratégico da Rússia gerou pressões externas que explicam e motivaram as reações e intervenções de Moscou em ambos os casos.

Sousa (2019) define a contenção da Rússia como um conjunto de iniciativas que limitam sua atuação internacional em três frentes: a expansão da OTAN, o enfraquecimento de seus

aliados e a competição estratégica espacial. O autor interpreta o alargamento da Aliança como parte de uma disputa global mais ampla por poder e influência, superando a visão restrita de mera adesão de novos membros.

Liza Nunes Corrêa (2021) analisa a atuação da Rússia diante das pressões ocidentais nos casos da Geórgia, Ucrânia e Síria, situando a crise ucraniana como parte de uma trajetória geopolítica mais abrangente. A comparação permite considerar as particularidades de cada crise e os objetivos dos atores envolvidos, evitando tratar os conflitos como episódios isolados.

Segrillo (2024) utiliza documentos primários para examinar as ambiguidades, divergências e negociações que acompanharam a expansão da OTAN após o fim da Guerra Fria. Sua análise ajuda a compreender por que a expansão se tornou um ponto de tensão duradouro. Também permite distinguir as discussões sobre a reunificação alemã das decisões posteriores de admitir outros países, evitando apresentar todo o período como resultado de um plano único e previamente definido.

Pautasso (2014) argumenta que a política de contenção ocidental acabou por estimular o nacionalismo, o fortalecimento estatal e a autonomia diplomática da Rússia durante os governos de Putin, em vez de apenas enfraquecê-la. O autor destaca que pressões externas e reações russas se reforçam mutuamente, criando um ciclo que agrava as tensões internacionais.

Zhebit (2019) analisa o "paradigma de Primakov", que fundamenta a política externa russa na defesa da autonomia nacional, no *status* de grande potência e em uma ordem internacional multipolar mediada pela ONU. Alinhado a Pautasso (2014), o autor demonstra que a atuação da Rússia vai além de reações imediatas à OTAN, baseando-se em uma visão estratégica própria sobre o papel global que o país pretende exercer.

Roseira (2023) contextualiza as disputas no Leste Europeu e no Mar Negro dentro da transição para uma ordem internacional tripolar, liderada por Estados Unidos, China e Rússia. O autor relaciona as disputas pela segurança europeia à redistribuição global de poder, na qual o confronto russo com o Ocidente impulsiona Moscou a fortalecer alianças estratégicas na Ásia e no Oriente Médio como alternativas de cooperação.

Albuquerque (2025) argumenta que a guerra na Ucrânia e a política externa russa buscam tanto limitar a influência ocidental e recuperar a influência de Moscou no espaço pós-soviético quanto contestar a liderança global do Ocidente. A autora conclui que o conflito visa forçar o reconhecimento da Rússia como uma grande potência e interlocutora em condição de igualdade na ordem internacional.

Já Albuquerque (2022) contesta a visão de que a ação russa se limita à autodefesa, argumentando que Moscou possui ambições territoriais e interesses estratégicos próprios na

Ucrânia, como o controle dos recursos do Donbass e das rotas de gasodutos. O autor argumenta que os objetivos russos vão além das justificativas públicas de segurança, exigindo que o país seja analisado como uma potência que busca ativamente expandir suas vantagens e influência, e não apenas como um ator que reage ao Ocidente.

Fernandes (2025) amplia a análise das relações entre Estados Unidos, China e Rússia ao examinar o fortalecimento da parceria sino-russa no contexto da crise ucraniana. O autor relaciona essa aproximação a incentivos geopolíticos e econômicos e discute como ela contribui para ampliar as possibilidades de atuação dos dois países. Seu trabalho dialoga com Roseira (2023) e Albuquerque (2025), ao conectar o conflito europeu às mudanças na ordem internacional. Para respeitar o recorte deste artigo, é necessário distinguir a aproximação anterior a fevereiro de 2022 do apoio à sustentação do esforço de guerra e da resposta às sanções, que pertencem aos desdobramentos posteriores.

A comparação desses trabalhos revela uma convergência: a relação entre Rússia e OTAN deve ser examinada no contexto das disputas por segurança, influência e posição internacional. A diferença está no peso atribuído a cada fator. Campos, Lobo e Azevedo (2018) e Sousa (2019) enfatizam as pressões ocidentais; Pautasso (2014), Zhebit (2019) e Roseira (2023) ampliam a discussão sobre a recuperação e as estratégias russas; Albuquerque (2025) e Fernandes (2025) relacionam a crise à reorganização internacional; enquanto Albuquerque (2022) destaca interesses próprios de Moscou que não se esgotam na defesa contra ameaças externas. Luiza Nunes Corrêa (2021) e Segrillo (2024) contribuem, respectivamente, com a comparação entre crises e com a reconstrução histórica das negociações.

Em síntese, essas interpretações sustentam a relevância da expansão da OTAN na compreensão das tensões, mas não autorizam tratar todos os argumentos como equivalentes. Identificar uma ameaça percebida é diferente de demonstrar por que uma liderança escolheu a guerra entre as alternativas disponíveis. Por isso, a relação entre expansão e invasão deve ser examinada em conjunto com os objetivos russos de influência, reconhecimento e obtenção de vantagens estratégicas. O *corpus* permite comparar essas explicações, mas não medir isoladamente a contribuição de cada fator para a decisão russa de invadir em 2022.

4.3 INSTITUIÇÕES E LEGITIMIDADE

As tensões entre a Rússia e o Ocidente envolvem tanto interesses militares quanto divergências sobre o papel das instituições internacionais. Nesse debate, a legitimidade diz

respeito aos fundamentos que permitem considerar uma atuação autorizada, justificável ou aceitável. Os trabalhos deste eixo abordam diferentes aspectos do problema: a transformação da OTAN, a representação da Rússia nos discursos da Aliança, a organização das políticas de defesa e o reconhecimento de Moscou como grande potência.

Bertazzo (2010) analisa a permanência e a transformação da OTAN no pós-Guerra Fria, destacando novas funções além da defesa territorial e os desafios de legitimidade em sua relação com a ONU. A autora diferencia capacidade militar de autoridade para agir, ponderando que a continuidade da Aliança não valida automaticamente suas ações e vai além da contenção da Rússia.

Zabolotsky (2019) argumenta que a OTAN reconstrói sua própria identidade e redefine seu papel pós-Guerra Fria ao retratar discursivamente a Rússia como um ator oposto aos valores e práticas ocidentais. O autor demonstra que as instituições delimitam parceiros e ameaças por meio de discursos identitários. Na comparação com Bertazzo (2010), o foco passa da capacidade e da autoridade da organização para as narrativas que orientam suas relações com outros Estados.

Diogo Calazans Corrêa (2021) analisa comparativamente as políticas de defesa da UE e da Rússia, demonstrando que a segurança europeia envolve instituições e políticas distintas da OTAN. O autor ressalta a necessidade de não confundir a UE com a OTAN, alertando que, embora compartilhem membros e interesses, conclusões sobre a defesa europeia não devem ser aplicadas automaticamente à expansão da Aliança Atlântica.

Cassarotti (2021) utiliza a Escola Inglesa das Relações Internacionais para argumentar que o desafio da Rússia ao Ocidente reflete sua busca por reconhecimento e participação como grande potência na sociedade internacional, mostrando que a disputa vai além da proximidade militar e envolve quem decide e em quais condições. Por ter sido concluído antes da invasão de 2022, o trabalho contribui para explicar os padrões históricos da atuação russa, e não a decisão de iniciar o conflito recente em si.

Os documentos institucionais complementam essa comparação. O estudo sobre o alargamento publicado pela OTAN em 1995 apresenta a ampliação como iniciativa voltada à estabilidade, à integração e à cooperação. O Ato Fundador de 1997, por sua vez, registra compromissos de diálogo entre a Aliança e a Rússia (OTAN, 1995; OTAN; Federação Russa, 1997). Esses documentos permitem conhecer os objetivos declarados e os mecanismos de relacionamento estabelecidos. Entretanto, sua existência não comprova que os objetivos tenham sido alcançados ou que os compromissos tenham eliminado as divergências. Para avaliar seus

resultados, é necessário confrontar as declarações com as práticas e com as interpretações acadêmicas.

Em conjunto, os quatro trabalhos mostram que a segurança europeia também depende de disputas sobre autoridade, participação e reconhecimento. Bertazzo (2010) destaca as funções da OTAN e sua relação com a ONU; Zabolotsky (2019), a representação da Rússia nos discursos da Aliança; Diogo Calazans Corrêa (2021), a comparação entre políticas de defesa; e Cassarotti (2021), a posição russa na sociedade internacional. Esses enfoques não constituem uma explicação única, mas permitem compreender por que uma instituição apresentada por seus membros como fonte de segurança pode ser percebida de outra forma por Estados externos. Portanto, a análise deve distinguir os objetivos anunciados, as formas de atuação e os efeitos sobre os diferentes países.

4.4 SOBERANIA, NORMAS E JUSTIFICAÇÃO

A análise do conflito exige distinguir três questões: por que os governos tomaram determinadas decisões, quais argumentos apresentaram para justificá-las e como essas ações são avaliadas à luz do Direito Internacional. As obras deste eixo contribuem de maneiras diferentes para essa discussão.

Alamino (2021) analisa a anexação da Crimeia sob a ótica do direito internacional (autodeterminação, secessão e agressão), concluindo que o argumento da autodeterminação, baseado no precedente do Kosovo, serviu apenas como pretexto para a agressão russa, sem legitimar a incorporação territorial. O autor demonstra que a validade jurídica de uma separação exige o exame das condições reais do evento, como a presença militar, e não apenas a declaração de independência ou a realização de um referendo.

Silva (2022) utiliza a teoria da securitização para examinar como o governo russo mobilizou laços históricos, culturais e linguísticos com a população da Crimeia, apresentando essa comunidade como alvo de uma ameaça existencial que justificasse medidas excepcionais. Sua pesquisa analisa os discursos da elite russa e a recepção do público. A autora foca na construção política do argumento de ameaça, diferindo da abordagem jurídica de Alamino (2021), sem que isso implique validar a existência real dos perigos alegados ou a legalidade das ações de Moscou.

Bugiato (2023) analisa as perspectivas realista, liberal e marxista sobre o conflito, evidenciando como cada corrente teórica molda a interpretação de suas causas e natureza. As

abordagens realistas apontam a expansão da OTAN e a reação defensiva russa, as liberais destacam a agressão ligada ao governo de Putin, e a visão marxista do autor define o evento como uma guerra contraimperialista em oposição à expansão liderada pelos Estados Unidos.

A comparação entre as três obras evidencia que explicar, justificar e avaliar juridicamente são tarefas relacionadas, mas diferentes. Alamino (2021) questiona os fundamentos jurídicos apresentados para a anexação; Silva (2022) investiga como a necessidade de proteção foi construída no discurso político; e Bugiato (2023) apresenta interpretações concorrentes sobre as causas e a natureza do conflito. Assim, o reconhecimento de pressões externas ou de uma percepção de ameaça não resolve, por si só, a questão da legalidade do uso da força.

Essa distinção também orienta a leitura do pronunciamento de Putin em 24 de fevereiro de 2022. Ao apresentar razões para a ação militar, o presidente russo expôs a justificativa pública de seu governo (Putin, 2022). Para este artigo, o pronunciamento constitui uma fonte para compreender essa posição, mas suas alegações precisam ser confrontadas com outras evidências.

Desse modo, este eixo permite examinar as justificativas dos atores sem adotá-las automaticamente como conclusão da pesquisa. A expansão da OTAN pode integrar a explicação das tensões e das preocupações russas, mas a passagem dessas preocupações para a decisão de empregar a força exige análise própria. Preservar essa diferença permite comparar os argumentos dos autores e discutir a responsabilidade pelas decisões sem confundir compreensão do contexto com aprovação das ações.

4.5 CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA

O conflito na Ucrânia produz repercussões que ultrapassam o território dos países diretamente envolvidos. Seus efeitos alcançam a segurança internacional, as relações econômicas, o abastecimento energético e a vida das populações. As obras deste eixo abordam diferentes aspectos desse processo: algumas examinam consequências, outras discutem respostas estratégicas, propostas diplomáticas ou formas de compreender o conflito. Sua comparação exige distinguir os acontecimentos que antecederam a invasão dos efeitos e das iniciativas posteriores.

Lebelem e Villa (2022) argumentam que a guerra na Ucrânia gera impactos multidimensionais na segurança regional e global que superam a esfera militar. Os autores demonstram que os dilemas de segurança envolvendo a Rússia, a Ucrânia e a OTAN conectam

o confronto territorial a disputas mais amplas entre potências, afetando populações e relações internacionais, o que exige uma análise integrada entre o cenário europeu e suas conexões globais.

Loureiro (2022) argumenta que a guerra na Ucrânia tem o potencial de transformar aspectos estruturais da ordem internacional, destacando os riscos à segurança europeia e os impactos econômicos decorrentes das sanções e do rompimento com a Rússia. Consonante com Lebelem e Villa (2022), o autor demonstra que a importância global do conflito transcende os resultados militares, podendo reconfigurar os laços produtivos e financeiros construídos nas últimas décadas.

Pângaro, Almeida e Barbosa (2023) aplicam a trindade de Clausewitz para analisar as respostas ocidentais à invasão, conectando as dimensões política, militar e social do conflito. O estudo examina estratégias para desestimular a Rússia sem o envio direto de tropas da OTAN, servindo como uma análise de escolhas estratégicas e riscos e não como um levantamento de consequências empíricas já comprovadas.

Faria e Costa (2022) analisam o conflito sob uma perspectiva pedagógica e humanitária, demonstrando como a guerra pode ser ensinada de forma crítica e acessível por meio de mapas, charges e notícias. O trabalho contribui para a compreensão pública e para a dimensão humana da guerra na sala de aula, diferenciando-se das pesquisas voltadas estritamente para impactos econômicos ou militares.

Garcia, Mesquita e Souza (2025) analisam os impactos energéticos na Alemanha no primeiro ano da invasão, relacionando o corte do gás russo às crises de abastecimento e às respostas governamentais, como a busca por novos fornecedores e a aceleração das energias renováveis. O estudo demonstra como as disputas geopolíticas afetam diretamente a economia e o cotidiano, evidenciando que a crise energética resultou da interação entre a dependência histórica, os eventos da guerra e as medidas de contingência adotadas.

Faria (2023) analisa as medidas emergenciais e estruturais adotadas pela Europa diante da crise energética, identificando fatores que podem acelerar a transição ecológica regional. O estudo expande a análise local alemã de Garcia, Mesquita e Souza (2025) ao propor uma distinção clara entre ações imediatas de abastecimento e reformas de longo prazo para reduzir dependências, permitindo uma comparação de temas comuns sem anular as particularidades de cada pesquisa.

Mielniczuk (2022) analisa as origens do conflito ucraniano propondo saídas diplomáticas, como uma moratória na expansão da OTAN e a neutralidade da Ucrânia. A

abordagem diferencia-se da de Pângaro, Almeida e Barbosa (2023) ao focar na segurança regional, delimitando uma posição específica no debate acadêmico sem atestar sua viabilidade.

Em conjunto, as obras mostram que as consequências da guerra precisam ser examinadas em diferentes dimensões. Lebelem e Villa (2022) e Loureiro (2022) destacam repercussões internacionais; Pângaro, Almeida e Barbosa (2023) discutem respostas estratégicas; Faria e Costa (2022) abordam a compreensão do conflito e sua dimensão humanitária no ensino; Garcia, Mesquita e Souza (2025) e Faria (2023) tratam da questão energética; e Mielniczuk (2022) apresenta uma proposta diplomática. Essa diversidade amplia a discussão proposta por este estudo.

Para a pergunta central deste artigo, o principal cuidado é não atribuir diretamente à expansão da OTAN todas as consequências produzidas depois da invasão. Entre o alargamento da Aliança e os efeitos da guerra existem decisões e acontecimentos que precisam ser examinados: o recurso à força, a condução das operações, as sanções e as respostas dos demais Estados. As consequências ajudam a compreender a dimensão do conflito, mas não demonstram, por si só, quais fatores determinaram seu início.

5 SÍNTESE COMPARATIVA E BIBLIOGRAFIA PROPOSITIVA

A Bibliografia Propositiva resulta da comparação desenvolvida nas cinco categorias da seção anterior. Nesta etapa, os argumentos são relacionados para formular considerações sobre o conjunto da produção selecionada e indicar questões que merecem aprofundamento. A comparação das 29 obras indica que a expansão da OTAN constitui um fator relevante para compreender as tensões entre a Rússia e o Ocidente, mas seu peso na explicação do conflito varia entre os autores. Algumas interpretações enfatizam as pressões ocidentais e as preocupações russas de segurança; outras destacam as decisões dos países do Leste Europeu, os objetivos de Moscou e as disputas por reconhecimento internacional.

Uma contribuição dessa comparação é mostrar que a mesma política pode assumir significados diferentes para os envolvidos. A aproximação com a OTAN pode representar proteção para países que receiam a influência russa e, simultaneamente, ser interpretada por Moscou como ameaça. As escolhas de alinhamento dependem, portanto, tanto da disputa entre potências quanto das experiências históricas e dos interesses dos Estados da região (Geiger, 2014; Mielniczuk, 2006). Além disso, a perspectiva de ingresso pode afetar relações políticas antes da adesão efetiva, o que exige distinguir expectativas de participação das garantias asseguradas aos membros da Aliança.

A literatura também permite relacionar as preocupações russas de segurança à busca por influência e reconhecimento como grande potência (Albuquerque, 2025; Cassarotti, 2021; Zhebit, 2019). Esses objetivos podem coexistir, mas precisam ser examinados separadamente. Da mesma forma, os períodos de diálogo e cooperação entre Rússia e OTAN mostram que o agravamento das relações não ocorreu de maneira uniforme ou inevitável (Segrillo, 2024). A premissa de que a expansão contribuiu para a escalada ganha precisão quando considera as condições e as decisões de cada momento, em vez de apresentar a guerra como consequência automática do alargamento.

Outro resultado é a necessidade de distinguir as causas do conflito, as justificativas dos governos e as consequências da guerra. A apresentação de uma ameaça pode ajudar a compreender uma decisão, mas não comprova todas as alegações oficiais nem resolve a questão da legalidade do uso da força (Alamino, 2021; Silva, 2022). Do mesmo modo, os impactos sobre a segurança internacional e o abastecimento energético evidenciam a dimensão da guerra, mas não demonstram, por si, suas causas (Garcia; Mesquita; Souza, 2025; Lebelem; Villa, 2022). Essa distinção evita atribuir diretamente à expansão da OTAN efeitos também relacionados à invasão, às operações militares, às sanções e às respostas dos demais Estados.

Como contribuição propositiva, o estudo aponta três caminhos de investigação: comparar períodos de cooperação e crise; examinar como as percepções de ameaça se traduziram em decisões políticas e militares; e confrontar explicações centradas na expansão da OTAN com aquelas voltadas às escolhas regionais e aos objetivos russos. Essas pesquisas podem combinar discursos, documentos diplomáticos e registros de decisões, buscando evidências que confirmem ou contrariem cada interpretação. Como o *corpus* de análise resulta de buscas delimitadas, suas convergências não representam consenso de toda a literatura. Seu valor está em organizar o debate e formular questões verificáveis para seu aprofundamento.

6 CONCLUSÃO

Este artigo examinou como a produção acadêmica selecionada interpreta as externalidades da expansão da OTAN e sua relação com o conflito russo-ucraniano. O percurso do Estado do Conhecimento articulou o registro inicial das referências na Bibliografia Anotada, a seleção e organização de 29 obras na Bibliografia Sistematizada, sua análise em cinco categorias na Bibliografia Categorizada e a formulação de considerações e caminhos de pesquisa na Bibliografia Propositiva. Desse processo resultou uma síntese das aproximações,

divergências e limites das interpretações selecionadas. Seu alcance corresponde ao corpus constituído e às condições de seleção das fontes.

Em resposta à pergunta de pesquisa, a comparação indica que a expansão da OTAN ocupa lugar relevante nas interpretações sobre o agravamento das tensões entre a Rússia e o Ocidente. As obras avaliadas relacionam o alargamento à redução da influência russa, às preocupações com a segurança e às disputas sobre a organização da segurança europeia. Entretanto, divergem quanto à importância desses fatores diante das decisões dos países do Leste Europeu, das identidades nacionais e dos objetivos próprios de Moscou. Assim, a contribuição da expansão para a crise precisa ser examinada em conjunto com outros processos, sem reduzir os países da região a instrumentos da competição estratégica entre grandes potências.

Os eixos de análise também mostram que as tensões ultrapassam a proximidade territorial da Aliança. Elas envolvem a transformação das instituições, a participação nas decisões internacionais e o reconhecimento da Rússia como grande potência. Nesse cenário, a cronologia, por sua vez, evidencia que ampliação e iniciativas de cooperação coexistiram em parte do período. Esses elementos permitem sustentar a relevância da premissa de agravamento das percepções russas de ameaça, mas não demonstram que a invasão de 2022 tenha sido uma consequência inevitável. Cabe ressaltar que, como método de organização e comparação da produção acadêmica, o Estado do Conhecimento permite confrontar explicações, mas não estabelece, isoladamente, o peso causal de cada fator na decisão de recorrer à guerra.

Outra contribuição da análise consiste em distinguir antecedentes do conflito, justificativas políticas, avaliações jurídicas e consequências da guerra. Os discursos oficiais permitem conhecer como os governos apresentam suas decisões, mas suas alegações precisam ser confrontadas com outras evidências. Da mesma forma, compreender as preocupações de segurança de um Estado não equivale a considerar legítimo ou legal o uso da força. Os impactos internacionais, humanos e energéticos revelam a extensão do conflito, mas não podem ser atribuídos diretamente à expansão da OTAN sem examinar as decisões e os acontecimentos que ligam esses processos.

Por fim, o levantamento apresenta limitações decorrentes das expressões de busca em português e da cobertura das fontes consultadas. A inclusão das cinco obras ampliou o material considerado, mas não tornou o levantamento exaustivo. Por isso, a frequência de determinado argumento entre os trabalhos selecionados não deve ser confundida com consenso acadêmico. Ainda assim, a comparação oferece uma base para pesquisas que examinem períodos de cooperação e crise, relacionem percepções de ameaça a decisões concretas e confrontem

explicações alternativas. Para os estudos de Segurança, Desenvolvimento e Defesa, sua contribuição está em tornar o debate mais claro e verificável, preservando a distinção entre as posições dos atores, as interpretações dos pesquisadores e as evidências necessárias para sustentá-las.

REFERÊNCIAS

ALAMINO, Felipe Nicolau Pimentel. **Anexação da Crimeia**: autodeterminação dos povos, agressão e secessão no Direito Internacional. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2135/tde-15082022-113104/. Acesso em: 10 maio 2025.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. Cinco interesses ocultados por Moscou (e pela crítica Ocidental) na Guerra da Ucrânia. **Revista de Geopolítica**, v. 13, n. 3, p. 1-15, jul./set. 2022. Disponível em: http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/416. Acesso em: 10 maio 2025.

ALBUQUERQUE, Fernanda Patrícia Silva. **A política externa russa no século XXI (2000-2024)**: um estudo de caso do conflito russo-ucraniano. 2025. 165 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa San Tiago Dantas, UNESP/UNICAMP/PUC-SP, 2025. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/e5e3a62a-7a84-4b3b-a712-b7f05ab1c0cc. Acesso em: 23 out. 2026.

BERTAZZO, Juliana. Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU. **Contexto Internacional**, v. 32, n. 1, p. 91-119, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cint/a/LTqqMy7wXKhdVdcdHCJt7CS/. Acesso em: 10 maio 2025.

BUGIATO, Caio. A Guerra na Ucrânia sob a ótica das Teorias de Relações Internacionais: discussão sobre causas e caráter da guerra. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 11, v. 1, n. 22, p. 253-276, set. 2023. Disponível em: https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/458. Acesso em: 10 maio 2025.

CAMPOS, Fred Leite Siqueira; LOBO, Iuri Endo; AZEVEDO, Beatriz Marcondes de. O ocidente como responsável pelas crises da Ucrânia e da Geórgia. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, v. 5, n. 2, p. 113-136, jul./dez. 2018. Disponível em: https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/75035. Acesso em: 10 maio 2025.

CASSAROTTI, Luis Francisco Calegari. **Neorrevisionismo e manutenção da sociedade internacional**: o papel da Rússia como grande potência na dinâmica de segurança

contemporânea. 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI: 10.14393/ufu.di.2021.5579.

CORRÊA, Diogo Calazans. **Defesa (supra)nacional: uma análise comparada das políticas de defesa da União Europeia e da Rússia**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/9559. Acesso em: 23 out. 2026.

CORRÊA, Luiza Nunes. **A Rússia frente às pressões ocidentais no século XXI**: os casos da Geórgia, da Ucrânia e da Síria. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, 2021.

FARIA, Alex da Motta. **Análise de medidas emergenciais e estruturais em resposta à crise energética decorrente do conflito da Rússia na Ucrânia e de elementos catalisadores para aceleração da transição energética europeia**. 2023. 88 f. Dissertação (Mestrado em Finanças e Economia Empresarial) – Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2023.

FARIA, Marcus Vinicius Castro; COSTA, Vinicius de Luna Chagas. O que podemos aprender sobre geopolítica com a invasão da Rússia na Ucrânia. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 15., 2022, Salvador. **Percursos de formação e Geografia Escolar**: espaços, tempos e narrativas em contextos de crises. [S. l.: s. n.], 2022. p. 1-12. Disponível em: https://www.academia.edu/85977428/O_QUE_PODEMOS_APRENDER_SOBRE_GEOPOL%C3%8DTICA_COM_A_INVAS%C3%83O_DA_R%C3%9ASSIA_NA_UCR%C3%82NIA. Acesso em: 10 maio 2025.

FERNANDES, Adriano França. **A nova diplomacia triangular e suas implicações para a Guerra na Ucrânia**. 2025. Dissertação (Mestrado em Economia Política Internacional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: https://www.ie.ufrj.br/pos-graduacao-j/pos-graduacao-em-economia-politica-internacional/dissertacoes-e-teses.html. Acesso em: 23 out. 2026.

FERRARO, Vicente. A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 13, n. 64, p. 25-50, out./dez. 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/128157. Acesso em: 19 dez. 2024.

FORTES, Denis Matoszko. **A Federação Russa e a crise ucraniana de 2013-2014**: entre o jogo das potências e as disputas históricas no "exterior próximo". 2017. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

GARCIA, Tatiana de Souza Leite; MESQUITA, Danúbia Caroline Barbosa de; SOUZA, Victor Madeira de. O conflito Rússia-Ucrânia e a (in)segurança energética na Alemanha. **InterAção**, *[S. l.]*, v. 16, n. 1, p. 1-24, jan./mar. 2025. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/90748. Acesso em: 5 maio 2025.

GEIGER, Luana Margarete. Integração Euro-Atlântica: a Política Externa Norte-americana para o Leste Europeu no Pós-Guerra Fria. **Revista Novas Fronteiras**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 43-55, jul./dez. 2014. Disponível em: https://novasfronteiras.espm.br/RNF/article/view/29. Acesso em: 5 maio 2025.

LEBELEM, Cristiane; VILLA, Rafael Duarte. A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional. **CEBRI-Revista**, ano 1, n. 3, p. 112-136, jul./set. 2022. Disponível em: https://cebri.org/revista/br/artigo/47/a-guerra-russo-ucraniana-impactos-sobre-a-seguranca-regional-e-internacional. Acesso em: 19 dez. 2024.

LOUREIRO, Felipe. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. **CEBRI-Revista**, ano 1, n. 2, abr./jun. 2022. Disponível em: https://cebri.org/revista/br/artigo/27/a-guerra-na-ucrania-significados-e-perspectivas. Acesso em: 5 maio. 2025.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 223-258, jan/jun. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cint/a/5KxWrYnRR4XNzqqhwxKyDkB/. Acesso em: 5 maio. 2025.

MIELNICZUK, Fabiano. Rússia e Ucrânia: por uma alternativa à guerra que "não pode ser vencida". **Conjuntura Austral,** Porto Alegre, v. 13, n. 64, p. 7-15, out./dez. 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/128328. Acesso em: 5 maio 2025.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do; NEZ, Egeslaine de. Estado de Conhecimento: a metodologia na prática. **Humanidades & Inovação**, Palmas, TO, v. 8, n. 55, p. 69-81, 2021.

MOROSINI, Marília Costa; KOHLS-SANTOS, Priscila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do Conhecimento**: teoria e prática. Curitiba: Editora CRV, 2021.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **Study on NATO Enlargement**. 1995. Disponível em: https://www.nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/1995/09/03/study-on-nato-enlargement. Acesso em: 23 out. 2026.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **Bucharest Summit Declaration**. Bucareste, 3 abr. 2008. Disponível em: https://www.nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/2008/04/03/bucharest-summit-declaration. Acesso em: 23 out. 2026.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **NATO member countries**. Atualizado em 11 mar. 2024. Disponível em: https://www.nato.int/en/about-us/organization/nato-member-countries. Acesso em: 23 out. 2026.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN); FEDERAÇÃO RUSSA. **Founding Act on Mutual Relations, Cooperation and Security between NATO**

and the Russian Federation. Paris, 27 maio 1997. Disponível em: https://nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/1997/05/27/founding-act. Acesso em: 23 out. 2026.

PÂNGARO, Emerson Luis de Araújo; ALMEIDA, Leandro Leite de; BARBOSA, Felipe Pereira. Uma análise da resposta do ocidente à invasão russa da Ucrânia sob o prisma da trindade da guerra de Clausewitz. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 1-22, jan./abr. 2023. Disponível em: https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistadaegn/article/view/6239. Acesso em: 5 maio 2025.

PAUTASSO, Diego. Da política de contenção à reemergência: a Rússia volta ao tabuleiro. Austral: **Revista Brasileira de Estratégia & Relações Internacionais**, v. 3, n. 6, p. 73-94, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332384723_DA_POLITICA_DE_CONTENCAO_A_REEMERGENCIA_A_RUSSIA_VOLTA_AO_TABULEIRO. Acesso em: 5 maio 2025.

POTY, Italo Barreto. A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica (1991-2010). **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 10, n. 52, p. 17-37, out./dez. 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/92323. Acesso em: 5 maio 2025.

PUTIN, Vladimir. **Speech and the following discussion at the Munich Conference on Security Policy.** Munich, 10 fev. 2007. Disponível em: http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034. Acesso em: 19 dez. 2024.

PUTIN, Vladimir. **Обращение Президента Российской Федерации** [Pronunciamento do Presidente da Federação Russa]. 24 fev. 2022. Disponível em: https://www.kremlin.ru/events/president/news/67843. Acesso em: 18 dez. 2024.

ROSEIRA, Antonio Marcos. O mundo tripolar - geopolítica russa no século XXI e a nova ordem internacional. **GEOgraphia**, Niterói, v. 25, n. 54, jan./jun. 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/128435960/O_Mundo_Tripolar_Geopol%C3%ADtica_Russa_No_S%C3%A9culo_XXI_e_a_Nova_Ordem_Internacional. Acesso em: 5 maio 2025.

SEGRILLO, Angelo. A expansão da Otan e a Rússia: desvelando uma “unlove story” do pós-Guerra Fria à luz de fontes primárias. **Tempo**, Niterói, v. 30, n. 1, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/r73Gtq4ZGVRsf4S7CRnhq6B/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 dez. 2024.

SILVA, Larissa Caroline Souza da. **A securitização da anexação da Crimeia e os interesses da Federação Russa no espaço pós-soviético**. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SOUSA, Danilo Rogerio de. **A contenção da Rússia**: geopolítica, estaticídio e astropolítica. 2019. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ZABOLOTSKY, Boris Perius. **As faces do "outro"**: a representação da diferença russa nos discursos da OTAN no pós-Guerra Fria. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ZHEBIT, Alexander. Sobre a história da política externa da Rússia: o "paradigma" de Primakov. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 41, p. 421-445, maio/ago. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/topoi/a/xjRymBBHLbmKdfVbjB7sSjg/. Acesso em: 5 maio 2025.

*

DECLARAÇÃO SOBRE O USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial Generativa na elaboração, revisão, tradução, organização ou apresentação deste manuscrito.